



Deixei as orelhas e ao surdo
 A opinião interior
 Que eu quero sentir' tudo

Introdução ao Estudo de Fernando Pessoa

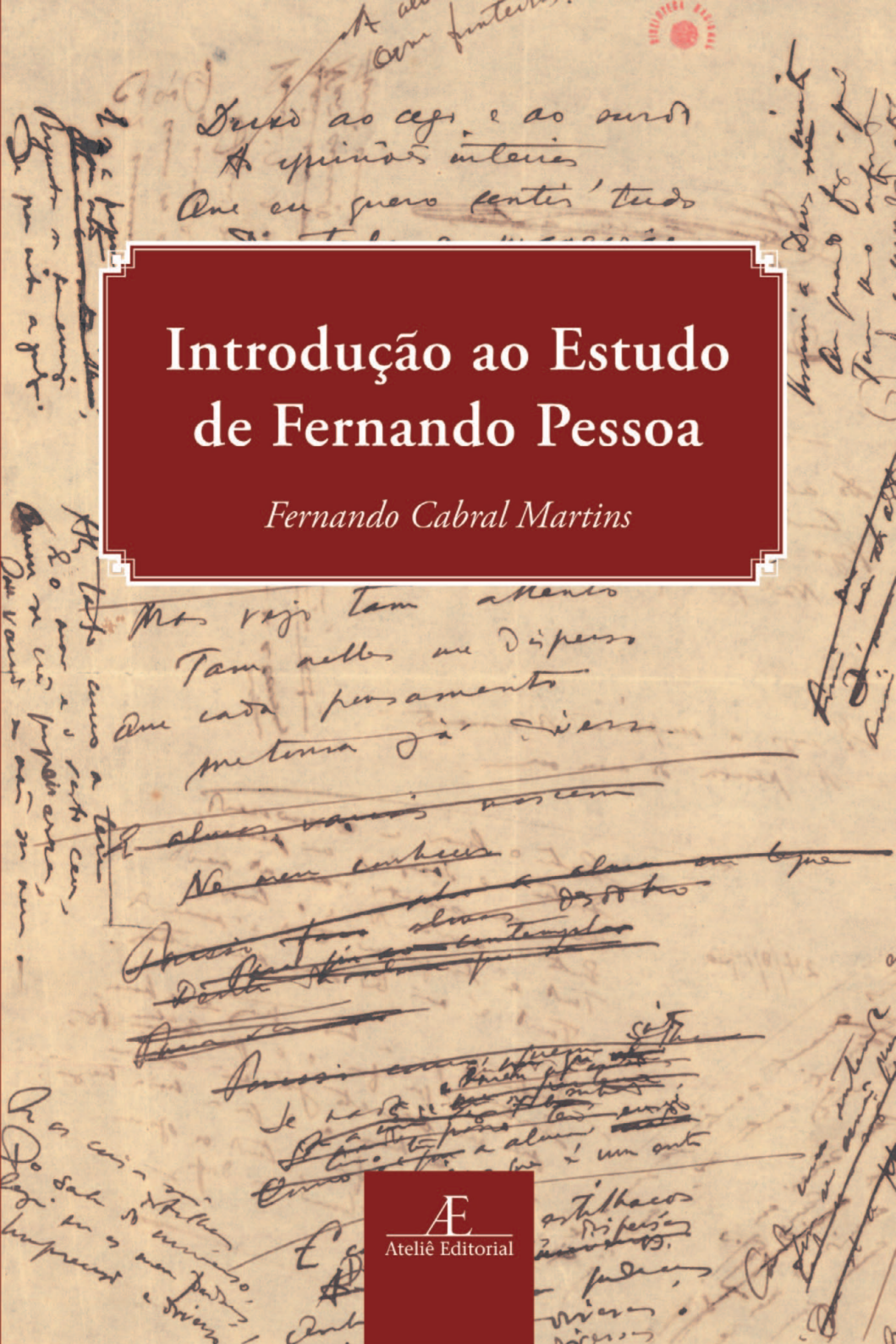
Fernando Cabral Martins

Mas vejo tam ahenis
 Tam nellas me disperso
 Que cada pensamento
 me torna já siess.

~~alunos, vãos, nascem
 No meu embudo.
 Preciso fazer alunos
 Deito-me a contemplar~~

~~Preciso ensinar a escrever
 Je ne sçai pas
 Preciso ensinar a alguns
 Como se fosse um arte~~

AE
Ateliê Editorial



Sumário

Prefácio	9
I. Modernidade e Modernismo.....	15
II. A Revolução da Linguagem Poética	25
III. Um Poeta Inglês em Lisboa	31
IV. A Nova Poesia Portuguesa	39
V. Janeiro de 1913: “Abdicação”	47
VI. Março de 1913: “Pauis”	53
VII. Agosto de 1913: “Na Floresta do Alheamento”	61
VIII. Outubro de 1913: “O Marinheiro”	67
IX. O Sensacionismo e a Questão do Autor.....	75
X. Simbolismo e Vanguarda em <i>Orpheu</i>	87
XI. O Mestre Caieiro	97
XII. Fernando Pessoa, Interseccionista	111
XIII. Ricardo Reis e a Razão	117
XIV. Álvaro de Campos e a Emoção	123
XV. O Conceito de Intervalo: <i>The Mad Fiddler</i>	129
XVI. A Intervenção Social e Política	135
XVII. Os Regressos de Álvaro de Campos	145
XVIII. De <i>Athena</i> ao <i>Livro do Desassossego</i>	153

XIX. Os Caminhos para o Oculto	167
XX. A Ficção Policial e Filosófica	177
XXI. A Poética do Fingidor: “Autopsicografia”	191
XXII. Sebastianismo e Quinto Império: <i>Mensagem</i>	203
XXIII. A História da Heteronímia	217
XXIV. O Sistema dos Heterônimos	231
Cronologia.	243
Bibliografia	251
Índice Onomástico	259

Prefácio

Pessoa publica em periódicos três centenas de poemas soltos e uma centena de textos em prosa de diferentes gêneros, alguns opúsculos em inglês e em português e um livro pequeno de poemas. Este conjunto seria suficiente só por si para o tornar um grande poeta, e até para ter irradiação europeia, que começa logo em 1930 com um artigo e, em 1933, com alguns poemas traduzidos em França por Pierre Hourcade. Mas pode dizer-se que é só com a organização dos seus livros por Gaspar Simões e Luís de Montalvor, a partir de 1942, integrando os textos publicados em vida e acrescentando muitos inéditos, que a obra de Pessoa ganha a dimensão que hoje tem na poesia moderna ocidental.

Ora, o conjunto desses textos inéditos são 91 envelopes guardados numa arca – a que se acrescentam outros cinquenta guardados numa mala e num armário¹. Este espólio tem sido, ao longo das décadas, uma fonte constante de publicações novas, mas, na sua esmagadora maioria, caracterizam-se por serem apontamentos ou esboços, muitas vezes com lacunas, de conjuntos que

1. João Dionísio, *Dicionário de Fernando Pessoa*, pp. 55-58.

ficaram por acabar. Nele se contêm os materiais de uma obra por vir, por escrever, e os resultados de uma reflexão torrencial, múltipla e constante, sobre literatura, arte, história, ciência, filosofia, religião, política.

No entanto, apesar da sua condição de inacabado, esses textos puderam dar origem, por exemplo, ao *Livro do Desassossego*, obra-prima absoluta. Serão esboços, mas contêm virtualidades literárias enormes, que têm sido reveladas ao longo do tempo. Assim, a obra de Pessoa é um desafio colocado à teoria da literatura, tanto como à teoria da edição. A sua escrita problematiza a figura do autor, a natureza do livro, a própria definição do texto literário. E a sua obra tem de ser, em grande parte, reconstruída pelos seus editores, que vêm dando forma fidedigna e plausível aos rascunhos e planos deixados por realizar.

Eis um exemplo típico dos inéditos de Pessoa: o poema manuscrito “Deixo ao Cego e ao Surdo”. Tem o número 120-38v do espólio de Pessoa à guarda da Biblioteca Nacional (cota E3), onde se catalogam cerca de trinta mil papéis. É um poema cujas estrofes não têm sequer uma ordem definida, para além de todas as correções e variantes introduzidas. Toma a forma de uma roda de palavras sem princípio nem fim. Para ser um poema, é necessário que um editor, além de lhe decifrar os versos, lhe dê uma sequência às estrofes. Tal edição não é uma passagem a limpo, nem um restauro, dado que não há nada para recuperar, nenhum original propriamente dito. Trata-se de fixar um poema entre gestos múltiplos de escrita e reescrita.

Deixo ao cego e ao surdo
A alma com fronteiras,
Que eu quero sentir tudo
De todas as maneiras.